

Índio não tem lugar entre brancos, diz Villas Boas

MELINO DO VALE

Um dia nós achávamos que a função do sertanista é antecipar. Chegamos ao ponto-limite. Vimos então criado diante do Parque o envolvimento de toda aquela área xingua pelas fazendas que estavam surgindo, e que nós devíamos preparar essa gente - os índios - para o contato inexorável com o futuro com que se defrontariam. Mas esperávamos que esse preparo fosse mais cauteloso, que essa transformação não fosse tão violenta, que os índios caminhassem devagar. Assistimos foi a um processo altamente apressado. E foi parados nesse crime que nós vimos os índios tirarem o urucum do corpo, sem a satisfação que tinham para expressar suas vidas.

As palavras são do sertanista Orlando Villas-Boas e foram pronunciadas quando ele falou no Seminário de Estudos Sobre o Parque Nacional do Xingu, promovido pela Fundação Nacional do Índio, em Brasília, terça e quarta-feira passadas. O Parque o qual se referia foi criado por sugestão de um grupo de indigenistas que integrava. Ele foi seu primeiro administrador. Os índios de quem falava são os do Xingu e todos os do Brasil, que já foram estimados em cinco milhões à época de 480 anos atrás, quando o Brasil foi descoberto, e hoje, segundo os últimos números, são pouco mais de 180 mil.

Orlando Villas-Boas explicou por que considera "crime" o processo de contato entre índios e não-índios, que buscava antecipar junto aos primeiros: "Os índios que jogavam sempre nas horas de folga, ou dançavam lá, ou faziam seus cerimoniais, hoje preenchem todas essas horas, seu horário de lazer, não mais dentro dos aspectos de suas culturas, mas jogando futebol, três, quatro, cinco, 10 horas por dia. Não somos contra o futebol. Eu acho que de certa forma até

a implantação de outros tipos de folguedos nossos, civilizados, é perfeitamente adaptável às culturas dos índios. Não importa. Não é a bola correndo que vai quebrar a estrutura social da comunidade e nem os seus arcabouços culturais. Na cultura não-material, e os senhores antropólogos sabem disso melhor do que eu. Não é a camisa. Não é o fato de se tirar o machado de pedra e dar o machado de ferro que faz com que se quebrem os seus laços culturais. Não, não é isso.

O LUGAR DO INDIO

O que nós queremos é exatamente isso: que se fique sempre alerta para o processo integrativo dentro da sociedade brasileira - prosseguiu Villas Boas - "porque não há lugar para o índio na sociedade brasileira de hoje. Como não há lugar para o favelado, como não há lugar para quem é pobre".

Então, por que chamá-los para cá? Por que não manter essa gente dentro da cultura que eles mesmos imaginaram? É por isso que nós defendemos um enlace e não integração dos índios, porque não existem condições para os índios como dissemos - na sociedade brasileira de hoje.

O sertanista disse que "nós devemos raciocinar" para indicar a manutenção dos territórios tribais dos índios em reservas como o caminho para esperar que encontrem sua posição dentro da sociedade onde hoje não têm lugar. Ele, Villas-Boas, acredita que isso acontecerá dentro em breve, quando "o Brasil terá encontrado seu futuro histórico".

Enquanto isso, considera que "nós, os salvadores, que já sabemos o que são as asas da proteção, antes de destruí-las, deveríamos lutar bastante, porque eles estão altamente ameaçados". Os interessados nas terras indígenas estão entre as principais ameaças.



Fotos: Tadashi Nakagomi

Villas Boas afirma que, para sobreviver na nossa sociedade...



... nem um índio como Aritana tem condições necessárias

A entrevista

Villas-Boas concedeu a seguinte entrevista ao *Correio Brasileiro*:

Como o senhor vê a questão da pesquisa? O presidente da Funai disse ainda há pouco que a pesquisa esteve suspensa temporariamente no Xingu porque estava gerando tensão entre os índios. O senhor é contra a pesquisa no Xingu?

VILLAS-BOAS - Não, não sou. E nem a própria Funai é contra as pesquisas. Houve uma época em que as solicitações se acumulavam demais, e então a Funai, a pedido dos índios, suspendeu a pesquisa. Mas foram os próprios índios que pediram. Porque, na realidade, quando se concentram muitos pesquisadores, principalmente na estação do estio, tumultua um pouco a vida da comunidade. Mas isso não quer dizer que a pesquisa não deve ser continuada. Deve ser.

Eu acho que a região do Xingu deve ser aberta à pesquisa. Agora, deve-se ter um controle maior no sentido de escalonar essa pesquisa de forma a não se concentrar muitos pesquisadores numa época só.

- É um problema de ordenamento, então?

VILLAS-BOAS - É, claro, e a própria Funai pensa dessa forma também, não?

Como é que o senhor vê a chamada integração dos índios?

VILLAS-BOAS - Ah, eu acho que a integração do índio é um processo do qual ainda estamos muito longe. Não temos nenhum índio no Brasil que esteja em condições de ser integrado.

A integração seria a substituição total dos valores originais pelos valores da sociedade nova, a ser participada.

Os índios constituem povos e nações indígenas? "Claro, claro, constituem, sem dúvida".

Veja você que não temos um índio ainda em condições no Brasil, mesmo aqueles que estão na metade do processo de aculturação, que possa viver, assim dizendo, dentro dos valores civilizados.

Outra coisa, mais importante: mesmo que surja um ou outro indivíduo com capacidade para isso, não é isso que nos interessa. O índio deve nos interessar como povo, com toda a sua beleza cultural, em sua cultura original. De maneira que é o índio como povo que nós devemos procurar preservar.

POVOS E NAÇÕES

O senhor acha que eles, apesar de terem seus territórios invadidos, constituem nações indígenas?

VILLAS-BOAS - Claro, claro, constituem, sem dúvida. Tem índio, por exemplo, com contato de mais de 10 anos de São Paulo que agora, nos seus cerimoniais, e que com uma produção imensa de milho, abacaxi e de outras coisas, e que, entretanto, quando chega no dia do cerimonial, no "Dia do Índio"... como não tem arara, como não tem mais um gavião, como não tem zoomutum, como não tem o jacobim, não tem nada, eles enfeitam com penas de galinha. Mas voltam às suas tradições, dançando os seus cerimoniais.

"O Mário é um bom índio, ouviu? Mas parece que estão... fazendo com o Mário o que acontece com esses índios..."

Haveria então uma confusão entre povo e nação indígena com Estado, de parte de pessoas que negam a existência de povos e nações indígenas, talvez um receio, uma confusão entre os conceitos de povo...?

VILLAS-BOAS - "...e de nações indígenas".

"...e de nações indígenas, com o de Estado?"

VILLAS-BOAS - Eu gosto de chamar de nações indígenas por causa da sua independência lingüística e pela sua independência total. Uma não depende da outra.

Na sua opinião, nem o Mário Juruna é um índio integrado?

VILLAS-BOAS - Não, não é. Não é integrado. Tanto assim que pergunte pra ele se ele quer ser emancipado? Ele reage logo. Porque só há duas condições: ou ser emancipado ou ser tutelado.

E o que o senhor acha disso?

VILLAS-BOAS - Eu acho, sobre a emancipação, que nenhum índio tem condições de ser emancipado. Só se fosse a emancipação individual. Mas o Estatuto: - o Estatuto do Índio, Lei 6.001 - "prevê a emancipação individual quando solicitada pelo interessado.

E o senhor acha que nem ele teria condições?

VILLAS-BOAS - Não, não tem. Nem ele quer.

E não teria além de não querer?

VILLAS-BOAS - Não, não teria, não. Não teria porque essa dependência ainda vai por muito tempo.

Integração se traduz por marginalização?

VILLAS-BOAS - Não. Integração é a capacidade dele sobreviver com a sociedade nova, com conhecimento, independente de qualquer coisa. Se tiver uma profissão, tivesse uma

coisa qualquer, que ele pudesse trabalhar, independente, por conta própria. Você vê, ele não tem.

Não um índio, por exemplo, esse índio que está na sua frente.

O Aritana?

VILLAS-BOAS - Aritana - chefe dos Yawalapiti, do Xingu. "Mas como é que nós vamos integrar, como é que nós vamos dar a emancipação para uma criatura dessas? Não pode, ele não tem condições de com os seus conhecimentos da civilização nossa sobreviver. Ia ser como se fosse um objeto raro, um elefante de circo".

JURUNA

O senhor votou contra, no Conselho Indigenista, a ida de Mário Juruna a Holanda para ser jurado no Tribunal Bertrand Russel?

VILLAS-BOAS - Não, porque isso é totalmente da alçada da administração da Funai, e ele - o presidente da Funai - "que representa o Estatuto, que vem a ser a tutela".

O que acho que é coisa muito engraçada é a autoridade do Tribunal Russel em querer agora interrogar o mundo. Engraçado que a Europa, como não tem mais nem um palmo de conquista, nem um palmo de luta, se deu agora ao luxo de ser boazinha e querer julgar os atos que

"Há uma aberração muito grande, por exemplo, no fato do tutelado ser eleitor"

se passam pelo resto do mundo, com uma memória fraca, esquecendo o que os imperialistas europeus fizeram na pobre e infeliz África, até muito pouco tempo.

Por que eles não voltam a analisar o que eles fizeram? E ver se reparam em parte o grande mal que eles fizeram na África?

Agora ficam julgando atos do Brasil, um continente, um país num processo violento de desenvolvimento.

Mas isso significa que o senhor não é propriamente contra a saída do Mário Juruna do País?

Villas-Boas - Não, eu acho que nas condições de tutelado, com a autorização da Funai, ou do Ministério do Interior.

Sim, mas a sua opinião como indigenista é contrária à saída dele do País?

Villas-Boas - Sou, pelo seguinte: porque não existe liderança tribal. Se o Mário fosse falar em nome dos xavantes, está certo, mas falar em nome de outros índios? Não existe liderança intertribal. E eu ainda vou mais à frente. Não existe liderança nem dentro da comunidade, nem in-

tertribal, muito menos um índio pode falar em nome da...

Mas ele não foi convidado para ser jurado?

Villas-Boas - Pois é, mas pra jurar os índios americanos? Não é?

Isso é uma judiação. Parece que.. O Mário é um bom índio, ouviu? Mas parece que estão... fazendo com o Mário o que acontece com esses índios do Nordeste: passa um chofer de caminhão, vê um índio na beira da estrada, pega o sujeito, põe dentro da boléia e tem um "Abre-te Sésamo por aí afora. Ah, que beleza, um índio... Ó, ô, ô! Chega lá no fim da linha, aí o motorista precisa volta, pega, dá um dinheirinho e manda o índio: olha, vai tomar um guaraná". E abre no pé e deixa, e abandona o índio. Isso acontece 10 vezes por dia em São Paulo.

CONTATO

E considerando que o contato é irreversível, não é...

Villas-Boas - É... não deveria prevalecer, no final das contas, a autodeterminação deles?

Villas-Boas - De quem?

A vontade dele, Mário Juruna?

Villas-Boas - Não, pode prevalecer a vontade dele, mas desde que ele tem a condição de tutelado... Por que ele não pede emancipação? A emancipação é concedida quando solicitada. Ele, na categoria de tutelado? Logo, o tutor tem que responder por ele.

Há um argumento de indigenistas que diz que a incapacidade dos índios não é absoluta, ela é relativa, pela Lei brasileira. Então, de acordo com o Direito Civil, se fosse absoluta - o caso de um doente mental, de uma criança...

Villas-Boas - ...Ah, claro.

... cumpriria ao tutor substituir a vontade, falar pela vontade dele, que não existiria, pelo menos, plena. Mas que, sendo relativa, dizem esses indigenistas, cabe...

Villas-Boas - Mas dizem os indigenistas, mas não dizem os juristas.

... cabe ao tutor dar cumprimento à sua vontade? Essa é a conclusão de um congresso de advogados e antropólogos - todos indigenistas - realizado em outubro em Florianópolis.

Villas-Boas - Ah... Os juristas que eu tenho conhecido não abrem essa perspectiva. A tutela é absoluta. Ou é tutelado, ou não é tutelado. Há uma aberração muito grande, por exemplo, no fato do tutelado ser eleitor.

E os índios são eleitores?

VILLAS-BOAS - têm os eleitores.

Tem?

Villas-Boas - Tem. E o vereador eleitor por esses índios eleitores pergunta pra ele se ele quer ser emancipado?.. Não quer.